

Instituto
Ayrton
Senna



APRENDIZAGEM DO PRINCÍPIO ALFABÉTICO

APRENDIZAGEM DO PRINCÍPIO ALFABÉTICO

Suely Amaral¹

A tarefa mais importante que se impõe à criança na faixa dos seis anos é aprender a ler e a escrever. E qualquer intercorrência que dificulte tal processo pode impactar negativamente na formação da criança tanto em sua capacidade de aprender todos os demais conteúdos escolares, quanto em nível social, uma vez que a expectativa de sucesso por parte das famílias é grande.

Pensar o ensino de uma língua escrita, e como se dá o processo escolar dessa aprendizagem para a maioria das crianças, implica levar em conta que a escrita é um fenômeno cultural e que as habilidades para sua aquisição e uso não são inatas, não surgirão espontaneamente como consequência do desenvolvimento e, por isso, dependem de intervenção regular e sistemática em ambiente organizado para isso, que é a escola. Outro aspecto desse processo é que se aprende a ler e a escrever em um determinado sistema de escrita, que no nosso caso, é a escrita alfabética. É muito diferente aprender a ler em um sistema ideográfico e em um silábico.

Ao longo da história da humanidade, diferentes sistemas de escrita foram inventados por diferentes povos. Sendo fenômeno cultural inventado, sua aprendizagem não acontece de forma espontânea e natural, como resultado da maturação das crianças. Vejamos as escritas chinesa e japonesa. Como, nessas línguas, os caracteres representam a forma falada?

Na língua escrita chinesa, os caracteres combinam significado e som. A antiga escrita chinesa tem seus primeiros registros datados de vários séculos antes de Cristo, e representavam ideias ou objetos. Era preciso memorizar muitos símbolos, que representavam as palavras, para aprender a ler. No chinês moderno, uma pessoa precisa saber em torno de 500 a 700 caracteres para dar conta de palavras do dia-a-dia. Muitas delas são escritas com um único sinal, o que torna a aprendizagem dessa escrita mais demorada.

Na língua escrita japonesa, há três maneiras de escrever. Uma delas, o hiragana, tem 46 caracteres e cada um deles representa uma sílaba. Aprendendo o silabário fica fácil escrever. A pessoa tem que perceber que uma palavra, que na pronúncia tem duas sílabas, será escrita com dois caracteres.

Nossa língua escrita é alfabética, como a maioria das línguas escritas ocidentais, ou seja, usam uma letra ou uma combinação de letras do alfabeto para representar as unidades da língua falada, os fonemas.

Na aprendizagem, isso implica algumas dificuldades. A primeira é que a unidade que ouvimos, quando partimos uma palavra, é a sílaba. Assim, estamos acostumados a ouvir na palavra bola dois segmentos /bo/, /la/. Em geral, não se pensa que a sílaba /bo/ é composta por dois sons distintos /b/ e /o/ e que precisamos reconhecer quatro sons /b/, /o/, /l/, /a/ e não dois, para o registro escrito da palavra. Outra dificuldade é o conhecimento das práticas culturais da escrita, ou seja, a participação ativa no mundo dos leitores.

¹ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC/SP).

Aprender a ler implica o desenvolvimento de um conjunto de habilidades que abarcam duas dimensões: a cultural e o código, isto é, na lida com o ensino da língua escrita, o professor tem que garantir no planejamento aspectos relacionados à função da escrita na sociedade – a dimensão cultural – e aspectos relacionados a como a língua se estrutura, a organização do código.

Na perspectiva cultural, aquela relacionada ao mundo da comunicação escrita, o foco são os textos – para que servem, o que eles dizem, qual a sua importância – e os saberes que tem a ver com o reconhecimento das diferenças entre os usos da comunicação oral e escrita. Nesse sentido, o ensino deve ser sustentado no desenvolvimento da motivação e do interesse por compreender a função dos diferentes textos com os quais o aluno tem contato no seu ambiente, como placas, avisos, cartazes, histórias, documentos diversos, e tomar uma posição de quem pode extrair significados das mensagens e de estabelecer comunicação por meio dos sinais escritos. Para isso, o ensino da leitura e da escrita deve explicitar os contextos onde são geradas as informações, quais tipos de textos devem ser lidos, e com que finalidade, considerando que cada texto demanda níveis de conhecimento diferentes para sua compreensão.

Outra dimensão é o reconhecimento da escrita enquanto tecnologia, uma ferramenta que demanda um conjunto específico de aprendizagens, como o código que organiza a relação entre fonemas e grafemas, sustentado no conhecimento do alfabeto. Nessa dimensão, o ensino tem a ver com o conhecimento das letras, a direção da escrita, o desenvolvimento da motricidade (como usar o lápis e desenhar uma letra).

Como duas faces de uma mesma moeda a aprendizagem implica, por parte da criança, a descoberta de conceitos relacionados, com as funções da linguagem escrita, em sua dimensão de uso social, e o modo como a língua se estrutura, ou seja, com a natureza das correspondências entre a linguagem escrita e a linguagem oral.

Muitos ainda acreditam que a escrita é um fenômeno que depende da percepção, ou seja, é suficiente uma explicação rápida, para o aluno reconhecer letras, sílabas e palavras. Mas aprender a escrever requer habilidades complexas, que resultam em transformações cognitivas profundas para o aprendiz.

Aprendizagem da leitura e a da escrita ocorre em fases?

A criança em início de alfabetização desconhece a relação entre a língua escrita e a língua falada, desconhece a função do alfabeto como um sistema de representação. Para a criança conseguir ler palavras, ainda que devagar e de maneira titubeante, pensando em cada letra e em cada sílaba, ela precisa compreender que as letras representam sons, de acordo com determinadas regras, e compreender as regras que permitem a formação de sílabas – como por exemplo a junção de uma consoante e de uma vogal.

Nesse momento, ela realiza a decodificação do que vê escrito e pode relacionar uma palavra ao significado, apoiada na análise das propriedades fonológicas das palavras. A decodificação constitui estratégia dominante e do mesmo modo que pode ler palavras, ela também consegue escrever palavras simples e um texto curto. Uma terceira fase é identificada quando a criança passa a fazer uso de um léxico mental ortográfico, o que vai permitir a automatização e a rapidez na leitura, melhorando muito a compreensão e o vocabulário.

A progressão e o desenvolvimento na aprendizagem da escrita fundamentam-se na ideia de que, embora existam conhecimentos qualitativamente diferentes em cada uma das fases, o percurso não é marcado por fronteiras precisas entre um nível de conhecimento e outro, porque, à medida que se consolida um conjunto de conhecimentos, novos modos de leitura vão sendo explorados pela criança, indicando o início de uma nova fase, mesmo que a anterior ainda não tenha alcançado a maturidade plena.²

Aqui vamos tratar da primeira condição: a descoberta do princípio alfabético.

Começo do ano: o diagnóstico da turma

O professor, para colocar em prática uma proposta pedagógica eficaz que assegure às crianças as condições de aprendizagem da escrita, deve considerar três perspectivas:

1. As propriedades e especificidades da língua escrita,
2. O nível de aprendizagem da criança em relação a tal objeto, e
3. O modo como o docente organiza o ensino e acompanha a aprendizagem da criança.

Por exemplo: Início do ano letivo em uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental. O professor planejou como atividade do dia a produção de um ditado de cinco palavras para identificar os conhecimentos da língua escrita que os seus alunos já dominavam. Eles poderiam desenhar, se quisessem. Como procedimento, o professor dita uma palavra, aguarda que a criança termine de escrever ou de desenhar. Quando todos concluem, ele dita outra palavra até que todos tenham escrito: *boi, tatu, gato, macaco, borboleta*.

Ao olhar os resultados, o professor nota que a maioria da turma utilizou três ou quatro letras para registrar cada uma das palavras da lista. Para se certificar, chama cada um dos alunos e pede que leiam o que está escrito: “Leia com o dedinho”. Apontando o dedo para a escrita, as crianças fazem leitura global, ou seja, passam o dedo pela palavra inteira e indicam a palavra, sem segmentar nenhuma sílaba.

Qual o objetivo do professor? Avaliar o que as crianças não sabem, mas também o que elas já sabem, sobre o sistema de escrita alfabética. As crianças sabem a direção da escrita. Escreve-se por linhas, num traçado que vai da esquerda para a direita. Elas sabem também que a escrita é um registro que usa letras, diferente de desenho, que tem como referência a imagem do objeto representado. No caso das crianças, os desenhos são círculos, identificados como cabeça, corpo e os traços, como pernas ou rabo, bem distintos dos conjuntos de letras, que representam “o que foi escrito” por elas.

O que esse grupo de crianças precisa saber para aprender a ler e a escrever?

Dois eixos de trabalhos precisam ser articulados. O primeiro eixo diz respeito à consciência fonológica. A criança deve reconhecer quais palavras podem ser segmentadas em unidades menores: as sílabas. A partir

² Morais, José. *Criar leitores – para professores e educadores*. Editora Manole, 2013.

daí, o professor terá como objetivo levar a criança a reconhecer que a sílaba – na língua falada – é composta por segmentos ainda menores: os fonemas. Há várias atividades interessantes que levam à localização de fonemas nas palavras, contagem de fonema, análise de palavras após o acréscimo de fonemas ou retirada em diferentes sílabas das palavras.

Outro eixo é a compreensão de que palavras escritas contêm combinações de letras (ou combinações de letras, como nh, lh, qu) que são relacionadas às unidades sonoras das palavras (fonemas), ou seja, as crianças precisam descobrir as regras que organizam o princípio alfabético. E para a descoberta do princípio alfabético, é preciso que a criança consiga:

1. diferenciar o que é o desenho e o que são traços que indicam escrita,
2. construir o conhecimento alfabético da língua em questão (identificar letras e reconhecer o nome das letras),
3. identificar o fonema que cada letra (ou grupo de letras) representa,
4. construir a relação fonema-grafema, ou a percepção de que as letras estão representando certos sons da fala em contextos precisos, e
5. perceber a sílaba em sua variedade como contexto fonológico desta representação.

Para trabalhar esse eixo o professor pode recorrer a atividades realizadas em duplas ou em grupos, que tenham como desafios reconhecer sons que as letras representam, como o alfabeto móvel. São importantes também atividades focadas em uma visão multissensorial, como por exemplo, ênfase nos sons que as letras representam e na forma fonológica das palavras (palavras mais curtas ou longas, por exemplo), ênfase na forma visual de letras e de palavras (exploração de cores e tamanhos distintos), e ênfase no traçado da letra, usando materiais diversos (lápiz gis de cera, pinceis, escrever na areia).

institutoayrtonsenna.org.br